

## VOCÊ SABIA QUE MINAS JÁ FOI MAR? CONHECENDO O PASSADO GEOLÓGICO DE MINAS GERAIS

**Alunos:** Ana Clara de Oliveira Brandão([anaclaradeoliveirabrandao@gmail.com](mailto:anaclaradeoliveirabrandao@gmail.com)), Alice Monteiro Araújo([titahistoria@yahoo.com.br](mailto:titahistoria@yahoo.com.br)) , Heitor Araújo Lima ([titahistoria@yahoo.com.br](mailto:titahistoria@yahoo.com.br))

**Orientadora:** Cíntia da Silva Vaz Mendes([cintia.vaz@educacao.mg.gov.br](mailto:cintia.vaz@educacao.mg.gov.br))

**Escola:** Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho

### Resumo

O projeto tem como objetivo **conhecer, compreender e divulgar** a importância científica, histórica e cultural do fato de que **Minas Gerais já foi mar** há aproximadamente 550 milhões de anos, no período Ediacarano. A investigação parte de pesquisas bibliográficas, consultas a fontes confiáveis e discussões em grupo, buscando responder questões como: *Quando e como Minas foi mar? Onde há evidências disso? Por que é relevante estudar esse tema hoje?*

A partir desse estudo, serão produzidos **materiais de divulgação científica** acessíveis à comunidade escolar, como cartazes explicativos, uma apresentação oral e, como produto complementar, uma **animação curta** que sintetize os principais pontos aprendidos. Espera-se que os estudantes desenvolvam maior compreensão sobre tempo geológico, fósseis (como *Cloudina* e *Corumbella*), a Formação Sete Lagoas e a dinâmica da Terra, além de estimular o interesse por ciência e pelo patrimônio natural de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** geologia, fósseis, Grupo Bambuí, divulgação científica, ensino fundamental.

### Introdução e justificativa

Atualmente, Minas Gerais é reconhecida por suas montanhas, cavernas e rios. No entanto, há cerca de 550 milhões de anos, no final do período Ediacarano, parte significativa de seu território estava coberta por um mar raso que os geólogos chamam de Mar ou Bacia Bambuí. Esse mar deixou registros preservados em rochas sedimentares que hoje compõem o Grupo Bambuí, uma das formações geológicas mais importantes do Brasil.

O Grupo Bambuí se estende por grande parte da região central do país, cobrindo áreas de Minas Gerais, Goiás, Bahia e outros estados. Dentro dele, destaca-se a Formação Sete Lagoas, composta principalmente por rochas carbonáticas, como calcários e dolomitos, que se

formaram justamente em ambientes marinhos de águas rasas (PERRELLA et al., 2017). Essas rochas são fundamentais porque guardam fósseis e sinais químicos que permitem reconstruir o ambiente marinho que existia naquela época.

Entre os fósseis encontrados na Formação Sete Lagoas estão organismos como a *Cloudina* e a *Corumbella*.

- A *Cloudina* é um dos primeiros seres vivos conhecidos a formar um esqueleto mineralizado de carbonato de cálcio. Suas conchas tubulares, muito frágeis, indicam que vivia em águas calmas, com pouca movimentação de correntes (BIOICOS, 2023).
- A *Corumbella* também possuía um esqueleto rígido, considerado um marco importante na evolução, pois representa uma transição para formas de vida mais complexas (BECKER-KERBER et al., 2025).

Esses fósseis não apenas confirmam que Minas Gerais já foi mar, como também são fósseis-guia, utilizados pelos cientistas para datar camadas de rochas e compreender a evolução da vida no planeta. Isso torna o Grupo Bambuí um verdadeiro “livro de pedra” que conta parte da história da Terra.

A importância desse conhecimento para o presente é múltipla:

1. Educação científica – permite que estudantes compreendam a noção de tempo geológico e a evolução da vida.
2. Identidade e cultura – valoriza a história natural de Minas Gerais, muitas vezes desconhecida pelos próprios mineiros.
3. Patrimônio e turismo – regiões como o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu reúnem cavernas, paredões e afloramentos que registram esse passado, podendo ser explorados como espaços de turismo científico e educativo.
4. Ciência e sociedade – ao estudar fósseis e rochas, os cientistas conseguem reconstruir mudanças ambientais do passado, o que ajuda também a refletir sobre transformações atuais do planeta, como mudanças climáticas.

Portanto, investigar e divulgar o fato de que Minas Gerais já foi mar não é apenas olhar para um passado distante. É, sobretudo, reconhecer que a ciência nos permite compreender a

origem e a evolução da vida, valorizar nosso patrimônio natural e construir novas formas de pertencimento e consciência sobre o lugar onde vivemos.

## **Objetivos**

Objetivo geral

Conhecer, compreender e divulgar o fato de que Minas Gerais já foi mar, destacando sua importância científica, cultural e educativa.

### Objetivos específicos

1. Levantar informações científicas e de divulgação sobre o Mar Bambuí, a Formação Sete Lagoas e os fósseis encontrados em Minas Gerais.
2. Compreender o papel desses fósseis na história da vida e na datação das rochas.
3. Relacionar o passado geológico ao presente, refletindo sobre educação, turismo e patrimônio natural.
4. Produzir materiais de divulgação científica (cartazes, apresentações e animação curta) para a comunidade escolar.
5. Discutir as dificuldades e aprendizados enfrentados durante a pesquisa.

## **Metodologia**

O tema deste projeto foi escolhido porque o grupo desejava relacionar o tema do Ciência Viva deste ano com a realidade de Minas Gerais, trazendo um assunto que pudesse aproximar ciência, história natural e identidade local. Durante as aulas de Geografia e Educação Ambiental, a professora apresentou a importância de estudar a geologia e a paleontologia como formas de compreender os caminhos do planeta e da vida na Terra. Esses momentos despertaram no grupo a curiosidade em saber mais sobre o passado geológico do nosso estado e como ele se conecta à evolução da vida.

Outro fator que motivou a escolha foi a percepção, nas conversas de sala de aula, de que muitos alunos do 7º ano não sabiam que a região de Minas Gerais já esteve coberta por

águas salgadas, formando um antigo mar raso há centenas de milhões de anos. Essa surpresa mostrou que seria relevante desenvolver um trabalho que não apenas investigasse esse passado, mas também o divulgasse de maneira acessível para toda a comunidade escolar.

Com esse propósito, a metodologia foi organizada em etapas complementares. A primeira consistiu em um levantamento bibliográfico em fontes científicas e de divulgação, como artigos, revistas, sites especializados e reportagens. O grupo consultou materiais da Revista Pesquisa FAPESP, do projeto Bioicos e do Jornal Opinião de Caeté, entre outros, além de orientações fornecidas pela professora. Nessa fase, foram anotadas informações sobre o período Ediacarano, a Formação Sete Lagoas, o Grupo Bambuí e os fósseis encontrados em Minas Gerais.

Na segunda etapa, os conteúdos pesquisados foram organizados em linguagem acessível, de acordo com o nível de compreensão do 7º ano. Para isso, o grupo produziu resumos em tópicos, linhas do tempo e mapas esquemáticos que mostrassem de forma clara *quando*, *onde* e *como* Minas Gerais foi mar. Foram elaboradas também ilustrações sobre os fósseis de *Cloudina* e *Corumbella*, destacando sua importância científica.

A terceira etapa foi dedicada à produção dos materiais de divulgação científica. O grupo preparou cartazes ilustrativos, uma apresentação oral e uma animação curta (3 a 5 minutos). É importante destacar que a animação não é o objetivo central do trabalho, mas um dos produtos resultantes da pesquisa, pensada como um recurso lúdico para facilitar a compreensão e despertar interesse entre os colegas.

Na quarta etapa, o grupo planejou a apresentação pública do trabalho dentro da escola, integrando exposição de cartazes, exibição da animação e uma roda de perguntas com os colegas. Também foi preparado um questionário simples, a ser aplicado antes e depois da apresentação, para verificar o quanto os alunos aprenderam e quais pontos mais chamaram sua atenção.

Por fim, a quinta etapa envolverá a reflexão coletiva sobre o processo. O grupo registrará as principais dificuldades enfrentadas — como compreender escalas de tempo geológico, interpretar textos científicos complexos e aprender a usar softwares de edição — e também as potencialidades descobertas, como a possibilidade de aproximar ciência e realidade local, fortalecer a identidade mineira e estimular o interesse pela geologia e pela paleontologia.

Assim, a metodologia do projeto não se limita a pesquisar e apresentar informações, mas se organiza como uma experiência de investigação, interpretação e divulgação científica, capaz de transformar a curiosidade inicial dos alunos em conhecimento compartilhado

## **Resultados e Discussão**

Durante o processo de pesquisa, o grupo analisou diversas fontes, tanto científicas quanto de divulgação, sobre o passado marinho de Minas Gerais. Além das referências já conhecidas sobre a Formação Sete Lagoas e o Grupo Bambuí, foram identificados outros sítios geológicos importantes no estado. O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, por exemplo, abriga paredes calcárias e cavernas formadas em antigos depósitos marinhos, sendo hoje um patrimônio reconhecido pela sua relevância arqueológica e paleontológica. A região de Lagoa Santa, famosa pelos fósseis humanos de Luzia, também apresenta formações rochosas ligadas ao Grupo Bambuí, mostrando como a geologia e a paleontologia se entrelaçam em diferentes contextos. Outro exemplo é a Serra da Saudade, considerada a menor serra do Brasil, mas que preserva registros geológicos de grande valor científico.

A análise das fontes mostrou, contudo, algumas dificuldades significativas. Muitas informações disponíveis em sites de internet não apresentam referências claras, confundindo interpretações científicas com especulações. Por isso, foi necessário recorrer a artigos acadêmicos e reportagens científicas, que, apesar de mais confiáveis, traziam uma linguagem difícil para alunos do 7º ano. Isso revelou um dos principais desafios do projeto: como traduzir dados técnicos de geologia e paleontologia em explicações simples, sem perder o rigor científico.

Outro ponto de discussão foi o processo de construção dos materiais pedagógicos. Os cartazes e esquemas visuais ajudaram a organizar a informação de forma acessível, mas a maior inovação foi a produção de uma animação curta. A escolha desse formato se deu porque vídeos animados são recursos lúdicos que atraem a atenção dos colegas, tornando o conteúdo mais leve e dinâmico. Para essa etapa, o grupo contou com o apoio do Centro de Tecnologia da escola, que orientou no uso de softwares de edição e ferramentas digitais. Ainda assim, surgiram dificuldades: a falta de experiência inicial com os programas, os erros nas primeiras versões do roteiro e a necessidade de regravar áudios e corrigir desenhos. Esse processo, apesar de trabalhoso, também se mostrou uma oportunidade de aprendizagem tecnológica e de trabalho em equipe.

As oficinas e rodas de conversa planejadas com os colegas ainda estão em fase de execução. A expectativa é que elas permitam verificar o impacto da pesquisa no aprendizado dos alunos do 7º ano, estimulando perguntas e novas curiosidades sobre o passado geológico de Minas Gerais. Os resultados esperados incluem: maior compreensão do tempo geológico, valorização do patrimônio natural e interesse em visitar locais como o Peruaçu e Lagoa Santa.

Por fim, é importante destacar o papel da escola nesse processo. Houve abertura para o uso de espaços, horários de aula e recursos didáticos, o que possibilitou o andamento das pesquisas e a confecção dos materiais. De modo especial, a orientação da professora Jéssica Garcia foi fundamental: ela auxiliou na seleção das fontes confiáveis, na organização dos conteúdos e no direcionamento das etapas do projeto, garantindo que a proposta tivesse consistência científica e pedagógica.

Assim, os resultados parciais mostram que o projeto não apenas despertou a curiosidade dos alunos sobre o passado de Minas Gerais, mas também trouxe desafios metodológicos e oportunidades de inovação pedagógica, consolidando-se como uma experiência significativa de ciência viva dentro da escola.

### **Conclusão**

O projeto evidencia que conhecer o passado geológico de Minas Gerais é compreender a história da Terra e do lugar onde vivemos. A pesquisa mostrou que a região foi mar há milhões de anos, deixando fósseis que são fundamentais para a ciência. Ao divulgar esse conhecimento por meio de cartazes, apresentações e uma animação, os alunos não só aprendem, mas também se tornam multiplicadores da ciência, aproximando colegas e comunidade escolar do patrimônio natural.

Esse trabalho reforça que ciência, cultura e identidade local podem caminhar juntas, despertando curiosidade, fortalecendo vínculos com o território e inspirando práticas educativas e de preservação.

### **Referências**

BIOICOS. Evidências de que Minas Gerais já teve mar. 2023. Disponível em:  
<https://www.bioicos.org.br/post/evidencias-de-que-minas-gerais-ja-teve-mar>.



JORNAL OPINIÃO (Caeté, MG). Minas Gerais já teve praia. 2024. Disponível em:

<https://www.opiniaocaete.com.br/minas-gerais-ja-teve-praia/>.

MESQUITA, N. A. S. Visões de ciência em desenhos animados: alternativa para o ensino de ciências. *Caderno de Pesquisa em Educação*, 2008.